

Rogério Sousa, M. C. Fialho, M. Haggag, N. S. Rodrigues (eds.) *Alexandrea ad Aegyptum. The legacy of multiculturalism in antiquity*, Porto, Afrontamento/CITCEM/CECH, 2013. 395 pp.
ISBN 978-972-36-1336-0 (Afrontamento); 978-989-8351-25-8 (CITCEM); 978-989-721-53-2 (CECH)

Alexandria e a sua celebrada biblioteca representam no imaginário colectivo uma espécie de idade de ouro cultural e científica, subitamente truncada pelas vicissitudes da história humana. Para a celebração desse símbolo de encontro de culturas e saberes e para a preservação da memória do feito conseguido pela humanidade naquela época vem contribuir o presente volume, coordenado por R. Sousa, M. C. Fialho, Mona Haggag e N. S. Rodrigues, *Alexandrea ad Aegyptum. The legacy of multiculturalism in antiquity*, co-editado em 2013 pelo Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (sediado na Faculdade de Letras do Porto), pelo CECH da UC e pelas Edições Afrontamento (Porto).

A obra vem trazer um importante contributo para o estudo das transacções culturais no mundo antigo de que Alexandria se torna um modelo que continua válido nos nossos dias. Com efeito, o legado de Alexandria sobreviveu à destruição dos livros, como se mostra no prefácio de Gabriele Cornelli e como prova o próprio acto da publicação de um conjunto de estudos deste teor. E continua a ser um desafio e um ideal. A busca do diálogo e da reflexão sobre as formas de unidade na diversidade continuam a representar a um tempo a nossa maior herança e uma agenda premente (conclui Cornelli). A antiga livraria não era apenas um repositório de rolos, mas um centro de erudição e excelência, rivitalizado dezasseis séculos depois do colapso, na nova biblioteca, que, por sua vez, também é mais do que o edifício, mais do que uma livraria, mas de novo um centro de erudição e diálogo, espaço de debate e de encontro do Norte e do Sul, do Este e do Oeste, como salienta na nota prévia Ismail Serageldin (bibliotecário de Alexandria).

A lição do multiculturalismo, mais do que nunca presente na globalização do nosso planeta ainda azul, está também simbolizado logo na concepção da capa, na qual as relíquias de uma *Vénus Anadiomena* (do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian) parecem emergir de um cerúleo oceano cuja espuma das ondas se sugere nos caracteres, diversos mas concordes, que ferem de branco o negrume primordial da pedra de Roseta. E tal como a antiga biblioteca, esta *Vénus*, truncada embora pelas vicissitudes dos séculos, manteve a identidade e a capacidade de seduzir.

As quatro partes em que se divide o volume cumprem plenamente o propósito do livro: abordam aspectos fundamentais em que se pode desdobrar o multiculturalismo alexandrino – históricos, artísticos, político-sociais, étnicos, religiosos e culturais. Aqui se compilam os contributos de reconhecidos especialistas de diversas áreas. O painel é internacional e inclui Portugal, Egipto, Rússia; e reúne saberes produzidos em várias universidades e centros de investigação destes países: de Portugal, a U. Aberta, U. de Coimbra, U. de Évora, U. de Lisboa, U. do Porto; do Egipto, a U. de Alexandria, a própria actual Biblioteca e o Centre of Hellenistic Studies; mas também o Centre for Egyptological Studies of the Russian Academy of Sciences (Moscovo).

Debrucemo-nos um pouco sobre os conteúdos assinados pelos respectivos autores. Encontramo-nos com a história da antiga Alexandria na primeira parte, “a city of many faces”, a começar pelos testemunhos literários sobre a fundação da cidade, resultado do génio de Alexandre e um dos maiores factores da imortalização do próprio macedónio (Maria de Fátima Silva, UC), e percorremos a dinastia dos Ptolemeus, reabilitados no seu contributo, tantas vezes exageradamente depreciado (José das C. Sales, U. Aberta). Passamos depois à Alexandria do período romano e sobretudo ao olhar latino sobre a cidade, nos aspectos estético, cultural, étnico, moral, político, económico, religioso, monumental, turístico, e na atracção pelo seu exotismo (Cristina Pimentel, UL). Nesse cenário, avança subitamente, dengosa, Cleópatra, como uma metáfora da própria Alexandria, protótipo de licenciosidade oriental, no retrato tendencioso de Plutarco, mas que nos continua a seduzir (Nuno Simões Rodrigues, UL).

A experiência multicultural nas artes e na sociedade de Alexandria (desenvolvida na 2ª parte) é observada na forma como a cidade alterou os roteiros dos homens e das culturas e dos novos cruzamentos estéticos e étnicos. Uma tal influência é-nos desde logo exemplificada pela transformação que a iniciativa de fundar a cidade exerceu nas rotas de navegação comercial (Mostafa El-Abadi, U. Alexandria), mas também pela propensão universalista da criação artística do reinado dos Ptolemeus, espelhada nas obras de arte sobreviventes (Mona Haggag, U. Alexandria), multiculturalismo esse manifesto de forma clara na arquitectura, de que é exemplo o sincretismo das estruturas de hipogeus locais (Kyriakos Savvopoulos, Bibliotheca de Alexandrina / Centre of Hellenistic Studies). Porém, está igualmente presente a ideia da preservação tolerante da identidade dos diferentes grupos em interacção no Delta do Nilo, e, de modo especial, a permissão

dada aos judeus de viverem de acordo com as suas leis, num processo de inclusão que não evitará a helenização e que levará ao aparecimento da famosa tradução bíblica dos *septuaginta*, por dificuldades linguísticas dos próprios Judeus, por solicitação superior em proveito da biblioteca, ou por ambas as razões (D. Leão). A experiência multicultural a um nível mais global é desenvolvida através da motivação da arte e da religião para o desenvolvimento do turismo e do lazer, fazendo emergir guias e listas de obras a não perder no contexto do mundo helenístico, com ecos na poesia alexandrina, onde, além do mais, a mulher encontra uma maior autonomia (Luísa Ferreira, UC).

A tradição erudita, literária e científica está presente em todo o volume, como não podia deixar de ser, mas, de um modo especial e sistemático, na terceira parte, onde desfilam as musas, os livros e os eruditos; e onde a novidade dialoga constantemente com a tradição mais remota. O resultado de uma nova visão do mundo helenizado que jorra da inspiração da biblioteca de Alexandria encontra formulação poética nas narrativas de viagens que aparecem na senda da saga mítica dos *Argonautica* de Apolónio de Rodas (Maria do Céu Fialho). E os novos trilhos alargam-se também ao mito, através da análise de Calímaco e ao diálogo por ele operado com a tradição anterior (Marta Várzeas, UP). A difícil e constante busca do equilíbrio entre tradição e identidade mitológica torna-se presente ainda através do erudito e enigmático poema sobre Cassandra (intitulado *Alexandra*) da autoria de Licófron (Jorge Deserto, UP). A perspectiva autóctone é abonada através de autores famosos. Não falta a consideração da história do Egipto da autoria de um egípcio – Máneton – sacerdote do templo de Re em Heliópolis, ensinamentos que chegaram indirectamente até nós, através de citações posteriores, devido precisamente à cultura bilingue do autor (Luís M. Araújo, UL). E não podia faltar ao rol de eruditos um dos mais ilustres filhos de Alexandria, Fílon, especialmente considerado aqui no que respeita ao seu olhar crítico sobre os sofistas e ao papel exercido pela retórica alexandrina na sua educação filosófica (M. Alexandre Júnior, UL). Mas outro expoente do magistério alexandrino se ergue, desta vez em outro campo, Euclides, que com os seus *Elementos* marcou definitivamente a história da matemática (Jorge N. Silva; Helder Pinto, UL).

Num universo multicultural, a tradição, enquanto transmissão, está continuamente em revisão e transição. Na quarta parte, Alexandria recria-se e projecta-se para a frente. Paradoxalmente, o assunto é tratado sobretudo através de exemplos de uma das dimensões mais conservadoras na vivência

humana – a religião – o que demonstra a força renovadora da cultura alexandrina. As transformações religiosas, enquanto fenómeno típico do fundamento multicultural da civilização helenística, encontram eco no caso de Zeus Cásio, que absorveu os atributos de Baal Sáfon, outrora trazido da Síria para o Egipto, e cujo culto congrega diversas tradições do Delta que depois se difundem no Mediterrâneo (Alexandra Diez Oliveira, U. L.). Processo semelhante aconteceu com o *Sarapeum* de Alexandria, exemplo da helenização de uma tradição religiosa egípcia, já textual e iconograficamente reinterpretada e depois difundida pelo mundo civilizado (Rogério Sousa, UP); pois o culto de Serápis, mais do que unir Egípcios e Gregos, terá sido eficaz elemento de união na heterogeneidade dos apelidados “Gregos” daquele espaço, que eram, em boa verdade, indivíduos provenientes de todo o mundo helenístico (Alla Davydova, Centre for Egyptological Studies of the RAS). Outro exemplo da adaptação transcultural será o êxito que o culto de Ísis obtém em Roma, fruto da evolução prévia que sofreu em Alexandria (Cláudia Teixeira, UE). E ligado às metamorfoses religiosas no mundo mediterrâneo por influência cultural alexandrina está também a adopção por parte de Júlio César do calendário egípcio de 36 dias e 6 horas anuais (Telo F. Canhão, U.L.). A capacidade de transformação pode verificar-se finalmente na adesão massiva ao cristianismo, mas esta metamorfose aparece manchada agora pela perda do equilíbrio: a intolerância de grupos de fanáticos que ditam a tragédia de Hipátia e acabam por lançar o odioso sobre a nova fé que pensavam defender (Pula Dias, UC). Chegava ao fim o período de ouro de desenvolvimento também para as matemáticas, e ciências com ela correlatas, geometria, astronomia, mecânica. Os tempos estavam a mudar, e a morte de Hipátia acaba por se tornar também símbolo do declínio da ciência em Alexandria (Carlos Gamas, UC). Enfim, a tradição já não era o que tinha sido!

O presente do volume condensa, assim, o papel de cidade do Delta do Nilo na tradição da cultura clássica greco-romana e judaica, cuja importância na identidade do mundo ocidental é evidente. A “auctoritas” da obra está desde logo selada pelo peso científico e institucional dos redactores dos vários capítulos, altamente especializados nas matérias tratadas, e por isso alicerces de rigor, bem como pelos coordenadores e pelas autoras da conclusão e do Epílogo, respectivamente M. H. da Rocha Pereira, helenista de reconhecido mérito internacional, e Sohair Wastawy, Directora da Nova Biblioteca de Alexandria e detentora de vasto curriculum na matéria.

A lógica da estrutura é, como se percebe, bastante coerente apesar do número e da diversidade e profundidade científica das contribuições. Coerente é

também a escolha da língua, a que terão presidido razões práticas de divulgação, semelhantes ao que se passava quando outrora se optou por traduzir a *Torah* para grego. O livro comunica em inglês, que se tornou uma espécie de *koiné* dos nossos dias, em paralelo com o grego tipificado que unia o mundo político, económico e científico daqueles tempos. O volume apresenta-se bastante completo e apelativo, apoiado numa vasta bibliografia e enriquecido com ilustrações relevantes, pelo que é muito útil tanto para a comunidade científica como para o universo dos amadores da erudição antiga e moderna. Tendo em conta a diversidade de assuntos tratados, seria bastante útil ao leitor, e enriqueceria claramente o volume, a apresentação de um índice temático, que incluísse, em si ou em separado, um elenco de personalidades e lugares históricos.

Congratulamo-nos, pois, com a aparecimento de tal obra. Trata-se de uma demonstração prática da conexão entre a erudição, produção e disseminação de conhecimento no mundo antigo e nos nossos dias, através dos estudos apresentados e do papel da Nova Biblioteca de Alexandria salientado no referido epílogo, mas também por ser fruto da colaboração entre instituições diversas que têm precisamente por vocação a procura e divulgação do conhecimento.

JOSÉ LUÍS BRANDÃO

http://dx.doi.org/10.14195/2183-1718_66_33

Matheus Trevizam, *Varrão, Das coisas do campo*. Introdução, tradução e notas. Edição bilingue. Universal Estadual de Campinas, Editora da Unicamp, 2012, 283 p., ISBN 978-85-268-0998-7.

A presente edição bilingue constitui um trabalho muito útil para o conhecimento e divulgação da literatura técnica latina, em especial a agrária, e da sociedade romana na transição da República para o Principado, sobre a qual fornece interessantíssimas informações de natureza económica, política, social, cultural e moral.

A opção do autor foi, de facto, fornecer o texto com tradução e notas que servem, nuns casos, para esclarecer o leitor sobre personagens, divindades, factos, lugares mencionados no texto, e ainda sobre terminologia, em especial grega (p.116 n.66 e 67; p.117 n.80; p.190 n.2-8) e opções de tradução (p.112 n.20 ‘sede’ para traduzir *villa*); noutros casos simplesmente para indicar a palavra latina a que corresponde a tradução apresentada —